

## SEGUNDO CADERNO

SEXTA-FEIRA, 23 DE MARÇO DE 2007

Divulgação



FABIANA GUGLI: alta qualidade no fascinante "Terra em trânsito"

Terra em trânsito e Rainha Mentira: A primeira peça é excelente; a segunda, não tão bem-sucedida

## Inquietações de Gerald Thomas geram experiências teatrais distintas

Barbara Heliadora

**TEATRO**  
**CRÍTICA**

Está em cartaz no Teatro Oi Futuro um espetáculo duplo de Gerald Thomas, formado por "Terra em trânsito" e "Rainha Mentira", ambas com texto do próprio Thomas. Na primeira, de título rigorosamente literal, uma cantora aguarda entrar em cena tomada por todas as inquietações do século XX, a cujos pensadores e artistas se remete de forma contundente o delirante cérebro sofrido e drogado, que dialoga com um cisne provocador e igualmente intelectualizado, ao som da indignação exacerbada da voz de Paulo Francis.

O que torna o espetáculo fascinante é a integração total de tudo o que é dito e feito com a massa de idéias e infor-

mações, formando um todo coerente, mesmo quando chegam de forma caótica, porque expressadas por uma linguagem cênica catalisadora. É com sua concretude teatral que trânsito e transitoriedade se fundem na figura da diva à espera de seu momento de entrar em cena e o da constatação de que tudo, até ela mesma, já passou.

A cenografia de Domingos Varela serve muito bem o texto, pois sugere a rotina da vida em um camarim como isoladora e claustrofóbica. A luz do diretor completa o quadro que a direção cria fazendo a limitação do espaço mais um elemento do todo, sendo a música de Edson Secco outra contribuição para a formação do sentido do que é apresentado.

Fabiana Gugli faz um traba-

lho de alta qualidade. Inquieta, tensa, angustiada, seu corpo e sua voz são perfeitos instrumentos para a transmissão da desmedida abrangência do texto, e seus diálogos com o cisne de Pancho Cappeletti alcançam um humor seco e brilhante pela naturalidade com que são vividos. "Terra em trânsito" é um espetáculo de alta qualidade e imenso impacto.

### Lembranças não encontram linguagem teatral

"Rainha Mentira" é muito menos bem-sucedido, com Gerald Thomas tendo sido traído pela sinceridade mesma da emoção de seu texto autobiográfico. Seu normal talento para as linguagens cênicas falha, pois nem mesmo os bombeiros que lutam contra o grande incêndio do mundo constroem uma linguagem cênica

satisfatória. Na parte inicial do pequeno texto, ele ainda tenta dinamizar as lembranças, mas, a partir de certo momento, ele nem sequer tenta transpô-las para o plano teatral, supõe-se que pela força com que as memórias o afetam intelectual e emocionalmente.

O resultado se perde, principalmente pela impossibilidade da transformação de lembranças pessoais em obra de arte transmissível a outros. Pode haver, sem dúvida, um sentimento de solidariedade pela profundidade do sofrimento, mas não a reação estética e distanciada tão bem conquistada com a primeira peça. "Rainha Mentira" é um momento doloroso, porém, do ponto de vista teatral, muito menos concretizado do que a excelente "Terra em trânsito". ■